

o repórter.

Semanário
das grandes reportagens



LÊR
NESTE NUMERO
Escola de Ladrões
Feras... de trazer
por casa
José Duarte
«O Chibata»,
etc., etc.

PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e America
do Norte

AGENTES NO NORTE DA

UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Porto Tel. 762

Alegria! Arte!

Bom gosto!

Só na revista

MEXILHÃO

*É esta a grande revista
do ano de 1932, que está
fazendo a sua carreira
triunfal no*

Teatro Variedades

*Bôa música, bom desem-
penho, espirito, na revista
MEXILHÃO*

no

TEATRO VARIÉDES

Medicina Dentária Dr. Teixeira Coelho

*Membro de várias Sociedades
Científicas do Estrangeiro*

DIPLOMADO pela Universidade de Coimbra e Faculdade de Medicina de Lisboa. Especializado em Bruxelas. Dignatário de várias ORDENS. Extração de dentes ou raízes, sem dor, desde 10\$00. Obturações temporárias desde 10\$00. DENTADURAS COMPLETAS desde 200\$00.

PREÇOS MAIS BÁTATOS
QUE NAS POLICLÍNICAS

ESPECIALIDADE EM DEN-
TADURAS INQUEBRÁVEIS

Calçada do Jogo da Pela, 4
(esquina da Rua do Socorro, em frente
da Rua da Palma)

CONSULTAS GRÁTIS AOS POBRES
EXTRACÇÕES DESDE ESC. 25\$0



GRANDE HOTEL DAS DUAS NAÇÕES

Um estabelecimento
modelo, digno duma
capital europeia

Nos var os
apostentos, con-
fortáveis e ac-
colhedores, com
preços rasáveis
e que se podem
dizer, estão ao
alcançe de todas

UM dos mais difíceis géneros de comércio é, sem dúvida, aquele que à indústria hoteleira se refere, que precisa, mais do que qualquer outro, de um técnico especializado.

Por isso, por faltarem especialistas, é que tão poucos bons hotéis existem em Portugal mas felizmente, alguns existem. Um exemplo é o Grande Hotel das Duas Nações, um estabelecimento da especialidade digno duma capital europeia como Lisboa.

as bôlas, pode-se afirmar que o Grande Hotel das Duas Nações resolveu, no nosso país, o respectivo problema.

Por isso o hotel da Rua da Victória, 41, é o preferido p'los comerciantes e outras pessoas que da província têm que vir a Lisboa, sendo também o escolhido por turistas e outras entidades estrangeiras que nos visitam.

Instalado num edificio próprio, na Rua Augusta e Rua da Victória, 41, no coração da cidade, o Grande

Hotel das Duas Nações é citado pelo colôrito, pela qualidade do seu pessoal, solícito, amável atencioso, auxiliando a demarcar a l'ôa impressão que em todos deixa o interessante estabelecimento da Rua da Victória, obrigando aqueles que uma vez ali se alojaram a nunca mais preferirem outro, havendo a acceitar ainda que o asseio e a limpeza são dogmas intangíveis naquele casa.

Por isso recomendamos o Grande Hotel das Duas Nações aos nosos leitoes, justificando assim a expressão daquelle turista que diz a:

—Té que enm encontrei um bom Hotel, onde se pode passar bem!

UMA FIGURA NACIONAL

José Duarte "O Chibata"

O que foi a vida do homem quem se deve a terminação dos castigos corporais na nossa Armada, e que há dias faleu

Em tempos muito distantes usavam-se no Exército e na Armada os castigos corporais para fazer todos os que cometessem qualquer falta disciplinar, por mais pequena que ela fosse. Praças que tivessem a infelicidade de deixar-se revelar em qualquer casa de laranjeira, era logo encaminhada à penca a, em nome dum falso princípio de disciplina,



O sargento José Duarte que primeiramente se insurgiu contra os castigos corporais na Armada

Tão "bárbaro" princípio provocou uma campanha formidável em quasi todos os jornais da época, incluindo não só os anti-governamentais como também os que defendiam o regime antigo.

Por ultimo, sem darem ouvidos a esses protestos, adoptaram a chibata para supliciar as praças delinquentes. Para isso, formava em quadrado na tábua do navio ou na parada do quartel e, ao centro desse quadrado, é que o desgraçado a chibatar se collocava. Em cumprimento dos artigos de 12 de Julho de 1781 e de 26 de Agosto de 1817, os reus só eram chibatados depois de "degradados das suas honras e uniformes".

Era então escolhida uma praça a quem era cometida a honrosa missão de chibatar o seu camarada!

Semelhante barbaridade, levantou no Parlamento acesos ataques aos Governos de então. Contra tal aviltamento levantou a voz no Parlamento de 1841 o barão de Monte Pedral, militar illustre e um dos valerosos com-

batentes de Guerra Peninsular. E tão conveniente estava o bilioso guerreiro le que par honra do exercito tal pena devia terminar que resignou o seu lugar de deputado, só porque não lhe foi admiado, num acto de desobediencia e requerimento no qual reclamava do Governo energias providenciadas.

Mas não foi só o barão de Monte Pedral que assim combateu a odiosa pena. Tambem os generais João de Lencastre e Marquez da Sa da Bandeira, lhe seguiram o caminho e conseguiram que o Parlamento de 1856 resolvesse o que o de 1841 não fizera. Foi a thenção da Carta de Lei de 14 de Julho de 1856 foram abolidos no Exercito do Continente e nas arcaes os castigos de varas e os de Ultramar seguiu se o exemplo, passado pouco tempo.

Isto no que respeita ao Exercito, porque na Armada os castigos corporais prosseguiram por largo tempo. Morreu ha dias, quasi esquecido, um humilde marinheiro que com um gesto seu conseguiu acabar, na sua corporação com tão odiosa pena. Eis a razão de ser desta reportagem: prestar homenagem a quem na vida só o bem praticou, não recuando em comprometer a sua situação, quando um dia lhe exigiram, a despeito da sua vida já longa de abnegação pelo proximo, que chibatasse um camarada.

José Duarte—assim se chamava o nosso heroi—issent u praça na Armada, voluntariamente, aos 14 anos, em 1877, tendo tomado essa resolução, chamado por uma atracção extranha para o mar e para aliviar a um pobre pai dos pezadissimos encargos de familia. O seu primeiro barco foi a corveta *Duque da Terceira*, onde grangeou imediatamente as sympathias de todos, superiores e camaradas.

Sis anos depois, em 4 de julho de 1883, encontrando-se na Trafaria, deu-se ali, numa fábrica de dinamite, uma terrivel explosão que ameaçava levar pelos ares toda a praia. José Duarte, então segundo marinheiro, arrastando consigo uns pescadores, conseguiu, com visco evidente da própria vida, desviar para fora da fábrica, uns caixotes com pólvora que ali se encontravam, evitando assim uma horrosa catástrofe.

D. Luiz I, monarca reinante, soube galardoar o bravo marinheiro, concedendo-lhe o grau de cavaleiro da Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito. E este heróico feito de José Duarte, foi como que um prólogo na sua vida de benfeitor e de amor ao seu semelhante, que não desmerecia em nada no seu grande amor à sua Pátria.

Em 1894, já José Duarte era 1.º contramestre a bordo da corveta *Mindelo*. Estava o seu navio fundeado no Rio Grande do Sul, quando ali estalou um movimento revolucionário liberal, chefiado pelo almirante Floriano Peixoto e Saldanha da Gama.

Perdido o movimento, os marinheiros revoltosos refugiaram-se a bordo da *Mindelo* e, sem respeito algum por quem lhes dava hospitalidade, tentaram desrespeitar a bandeira portugueza e atacar a guarnição da corveta.

O Contramestre José Duarte, que se encontrava servindo de oficial de bordo, mandando armar a guarnição, obrigou-os a prestar a devida homenagem á bandeira de Portugal. Tal acto de bravura viu-lhe lousos publicos, prestados pelo Almirante Augusto de Castilho.

(Conclue na página 13)

O primeiro homem nasceu em Africa?

Onde nasceu o primeiro homem? Em que ponto da terra, em Africa ou na Europa, no Oriente ou na America, se pôde situar o berço da humanidade?

Essas perguntas, apenas dos porfiados esforços dos sdbios de raras nacionalidades, d'persistencia quasi heroica d'questões que sobre os seus ombros tomaram o peso de d'cifrar estas incógnitas misteriosas da ciência, o probl'ma não tinha, ainda, obtido qualquer resposta satisfatória. Ao contrario do que sempre succedeo quando os sdbios dicuitem, — q' e aparecem logo immensas opiniões todas ásperas, — sobre este probl'ma, tão complicado e de se apr'sentara, não havia qualquer opinião.

Agora o professor inglês dr. R. Brown sdbio imminente na ciência paleontológica que realizou importantes investigações acerca dos primitivos habitantes da terra, veio esclarecer ao mundo estepefacto que na Africa do S' encontrou vestigios da existencia de humanos há mais de 20 000 anos!

Originou esta conclusão, segundo afirma o sdbio professor em artigos publicados no *The African World* and *Illustrated London News*, ambos de Londres, no facto de terem sido descobertos crâneos fósseis, e encontrados centenas de instrumentos de pedra, fabricados por uma raça existente ha milhares e milhares de anos.

Este crâneo que é o orgulho do sdbio que o descobriu, a inveja dos colegas que o... não desejariam, e o assunto de discussão nos meios scientificos europeus e americanos, é do crâneo de um homem forte embora de fronte reduzida, com largos sulcos sdb e as sobrancelhas e de face comprida, mais parecida com o macaco. Os oppositores à teoria do dr. R. Brown tem querido ver nele semelhanças com o homem Neanderthal da Europa. Nesse crâneo de qualquer pobre diabo—quasi irracional pela sua primitividade de há 20 000 anos segundo pretendem os homens de ciência—pode deduzir-se qual teria sido o tipo do seu possuidor. Devia ter sido uma criatura que muito se assemelhasse ao chimpanzé, de andar muito mais bruto, e traços fis omom nos poucos ou nada mais perfetos e aperfeçoados. Não vivia em floresta, mas em cavernas, segundo diz o referito sdbio que parece ter ouvido a caveira de confissão.



Panorama citadino

UM MERCADO AMBULANTE

criado pelo desequilíbrio e desbaratado
por uma medida violenta

AQUELE mercado movel, de aspecto nómada e caracter tumultuoso, deixando ver a carie da Desgraça, tem uma história triste e de miséria, a história de todas as calamidades sociais nascidas do desequilíbrio económico colectivo. Como surgiu na ribalta daquele infatunlo o primeiro vendedor ninguém sabe, porque a genealogia dos mercados ambulantes perde-se na neblina das épocas de fome. Procedem de há muitos anos esses recantos de negócios mas talvez seja difícil, para não dizermos impossível, divulgar a origem. Noutras tempos o terreno era vivgem nas pequenas localidades onde não existiam recintos camarários para a venda ao publico. Depois a invasão dos vendedores pelas cidades, parecendo fruto unico e relapso da grande guerra, um legado de fome que a horrível carnificina nos deixou.

A cidade principiou a ser batida por essa vaga de miséria humana. O classico vendedor ambulante, da hortaliça, da fruta, do jogo da lotaria, etc. teve como collega do giro, a partir de certo momento, a partir do momento grave da crise e a guerra de tróvão, o vendedor ambulante de variadas profissões que o «hoiag» trouxe para junto das indústrias collocadas no âmbito da venda ao publico ou a fome. A exército trouxe de tudo. Vultos queimados pela exército e pelo fogo do trabalho, homens vendidos pela miséria de muitos anos de civildade futura, moços validos que a este fustard fábica e das oficinas, crianças pobres que a miséria dos filhos abraça e recreia de vida gratuita e com o coração das mães rececia sua alimentação o seu corpo com uma morte de devassação, a morte das vielas e dos costumes de casa-fonda, mulheres ainda lindas, moças e filhas, provando a concupiscencia, eram arrastadas como a lama no tempo para a quele recanto se não quizessem morrer de fome. E o espectáculo, para algumas sensibilidades não se tornou ingrato, porque era determinado pela eclosão da ciclone social a que os povos, em regime de organzados políticos deficientes não se podiam eximir.

O fenomeno da crise, o fenomeno da miséria humana, o cataclismo social, furioso como todos os climas, trouxe nos ainda outros generos de exploração movel e as suas concomitantes consequências. O vendedor de perolas, esse chinês de olhos rasgados e covados, de epiderme amarelada, da côr do imperio nascente agregou-se ao costume alfaiate, instalou-se nos nossos habitos e esterli-

tipou uma existencia que difficilmente será escareada. As estrangeiras das bugigangas, que tudo guardam nesses sarcofagos de cabedal que mais parecem depositos de residuos humanos, fixaram o seu laboratorio nos cafés, nos estabelecimentos onde o publico se reúne, ou para se distrair ou para diluir a ociosidade. E essas pobres raparigas que têm uma história picaresca, que possivelmente terão um drama intimo na sua vida, vegetam por ahí não se sabe como, vendendo laminas por preço inferior, impingindo canivetes dos mais variados, réclamando tudo e talvez a sua des-



... um mercado ambulante criado pelas modernas circunstancias da vida ...

ças obrigue a vender o que não quer e com a perda da fidelidade que fornece e distribuem periodicamente a artigos.

A miséria das mães infelizes, que não é

vida, que não têm meio de viver não é, contudo, vexada pela perseguição. Não sofre os ataques severos nas posturas nem tem a stitila a dureza de interesses do comercialismo oficial. O seu mercado é exercido livremente, como nomadas que são, entregues apenas ao destino, sorrindo nos dias de felicidade, os de bom negocio, chorando no recato da sua odisséa, quando o quadrante da vida lhe nega os tristes centavos do alimento. Mas são livres na praça pública, nunca foram encerrados na jurisdição camarária, podem vender em qual quer lugar e nunca hesprenderam a fazenda, jamais foram presos pelo grave delicto de venderem nas ruas para não morrerem a um canto como cães e fomeados.

Com aqueles desgraçados que vendem em volta da Praça da Figueira a situação é mais delicada, mais grave, mais perigosa e mais desumana. Só podem exercer o seu negocio além de uma area distante, porque lhes é interdito proximo do mercado pelos interesses dos senhores negociantes da Praça.

Há uma postura que determina a area para os vendedores ambulantes poderem atender a sua clientela. Proximo, junto ao mercado, é onde o negocio lhes poderia ser mais proveitoso, mercê da competição de preços e de qualidade. O freguês encontra ali mais barato o genero que dentro do mercado está sugri o ao câmbio de certos sugitos, e ás cotações dos senhores negociantes que ha muito enriqueceram. Mas não se pode vender ali. O policia de giro se algum vendedor ambulante surpreende em flagrante, leva-o para a esquadra. A primeira vez apreende-lhe a fazenda, depois em reincidencia multa o e prende-o. Os negociantes gozam de prerrogativas largas. Pagam as suas contribuições e os seus impostos e essa circumstancia da lhes o direito de conseguirem da policia a perseguição aos vendedores ambulantes.

Foi com alguns destes que trocamos algumas impressões:

—Para vivermos honestamente procuramos vender neste lugar a fazenda que adquirimo com bastante utilidade e na maioria das vezes a credito. Mas se somos apaixonados dentro da tal area que limitaram pagamos o roo o atrevimento. A mim já apenderam o eixe e depois multaram-me. Se nos distantes os da praça a freguesia frequêta e a obter os regulado proveito. De maneira que não vendemos mais ou se vendemos o os preços e feitos sem a fazenda.

A verdade que é esta: o junto a Praça da Figueira, os vendedores ambulantes e o comércio, encontra-se numa situação severa, a qual a mais cruel das perseguições. A fome resultante da fome do Distrito de muitos to ens em junto aos vendedores ambulantes e os tristes aspectos.—A. M.

A TEUKIA DOS CHOURIÇOS...

Os americanos que se orgulham de ter batido todos os records, tiveram esiar por zuros por não terem podido realiza, com os auto óveis, o que se conta a área de fabrico de chouriços na famosa Norte America. Diz-se que os seus aparatos para fabrico de chouriços de várias qualidades são tão perfectos que se mete um porco por uma abertura, giram umas alavancas e instantaneamente, sai o mesmo porco pela abertura oposta feito em esplendidos chouriços, não sabemos se já cozidos ou assados, ao gosto do freguês. Diz-se ainda que, se o cliente da fabrica em vez de chouriços quer porcos, basta fazer-se girar a máquina em sentido contrario, introduzindo os chouriços pela feada por onde saíram e logo sai o

porco vivo, são, gordo e grunhindo, pela abertura por onde entrara. Uma maravilha!

Por os ingleses têm uma fabricação mais perfeita do mundo, que construi os óveis como os americanos, chouriços. A fabricação dos carros faz-se em serie com uma rapidez assombrosa. Por um lado do carril entra um tro rodiz, com os respectivos eixos, que vão deslizando sobre a via entre uma dupla fila de operários, cada um dos quais coloca uma peça, de maneira que o auto-óvel, quando sai do extremo da via, está absolutamente acabado.

E' mais uma manifestação de espirito pratico dos ingleses. Se eles pudessem estabilizar a libra pelo mesmo processo...

As doenças dos grandes homens

AINDA ha pouco tempo evocámos certo dialogo dos «Maia» d'êça de Queiroz—em que, numa discussão do «Ramalhetes», a proposito de Mac-Mahon, de Gambeta, de Thulier, de Rockefeller, de D. Diogo, o «leão decrepito», cheio de asma, de lãs, de dietas—exclama: «O que eu tivejo a esses homens é a saude». E o velho Maia replica: «Está você equivocando! Nós é que os julgamos fortes, saudáveis, hercules, porque tratam de grandes questões. A verdade é que todos êles, são achacados, bronquíticos, reumáticos».

Torna-se oportuno repetir este comentario — ao focarmos as «doenças dos grandes homens». De facto, acalentamos a illusão de que todos eles possuem uma

saude de ferro, e, contudo, os poucos que, ao lançarem-se na vida publica, não vêm fisicamente arruinados—arruinam-se depois, pela existencia exaustiva que levam, pela super-tensão nervosa e mental a que essa existencia os obriga. Um politico, um diplomata, um escritor em voga—sofre uma vida tormentosa, sem uma hora de absoluto repouso. As preoccupações da sua missão, o trabalho, a luta, o esforço de estar sempre prevenido contra todas as surpresas do dia seguinte, a exteriorisação, as apparencias os banquetes, as viagens, as visitas, os jornais, os pedidos a que não se podem esquivar, todo o tumulto e agitação das grandes cidades applicadas directamente sobre o cerebro, sobre a sensibilidade; a impossibilidade de interromper, de suspender, de estocar a meio do galope, a vertigem da velocidade ad irida—são venenos fataes que intoxicam, gastam, liquidando os organismos mais resistentes, exaltando os nervos mais calmos! Deschanel, o Chamberlain de França,

A loucura de Deschanel—Evocam-se os «Maia» de Eça de Queiroz—O fígado de Hoover e o estomago de Mussolini—Hindenburg e os rins—E os

«nossos»?

pela elegancia e pelo espirito—traçou, na juventude, uma trajetoria de ambições politicas, que seguiu geometricamente, sem uma abdicção, até alcançar a culminancia do triunfo: a presidencia da Republica. Mas já estava na curva. . . Abafava, estrangulado pelo ambiente, pelo protocolo, pelas visitas, pelos politicos, pelos diplomatas, que o cercavam, que o bajulavam, que lhe apresentavam problemas e conflitos. Um dia foi obrigado a partir numa viagem «d'oficio» para a Bretanha. Na vespera tivera três inaugurações, oito conferencias, dezenas de audiências, deitara-se ás duas da manhã; ás oito estava a pé—barbeado, sorridente, escravo do seu papel. O comboio presidencial, cheio de gente que girava á sua volta, num formigueiro servil, entouteceu-o e entrou no seu espirito uma angustia da morte. Quer fugir a todos, quer estar só, em silencio, sem preoccupações. Pretexa umas dores de cabeça, fecha-se no seu vagão-leite mas nem assim se liberta do pesadello. Tem a impressão que lhe abrem a porta, que invadem o seu refugio. O que se passou então só os psiquiatras podem explicar. Com o comboio em marcha, em maxima velocidade—deita-se pela janela á linha, descalço e coberto apenas pelo pijama. Detalhe anecdótico: o guarda da linha que veio em seu socorro—telegrafou para Paris dizendo: «Hoje, ás 5 e 45, caiu á linha, frente a minha casa, um viajante do comboio N.º . . ., que parece louco, tendo a mania de ser o presidente da Republica. Deve pertencer á boa sociedade porque, tendo os pés nus, vi que estavam lavados. «Poucas semanas depois Deschanel resignou o seu mandato—por motivos de saude—e oito meses rodados, morria num manicómio.

Que desfilem aos nossos olhos, seminus, de lingua de fora, os «grandes homens» de hoje. Consultemos os seus pulsos; auscultemos os seus toraxes; vibremos uma pancada traçoadeira nas suas retulas, anaísemos a sua expectoração, o seu sangue. Uma inspecção, um exame, um diagnostico—e que de surpresas nos estão reservadas! Conhecemos pelos americanos—pelos yankees, filhos de uma raça especionen, amalgama de varias raças, purificada, filtrada, aperfeçoada através dos dogmas scientificos da hygiene, do desportos, da abstinencia. . . Um simbolo dessa raça é Hoover—o presidente da

Republica dos E. U. . . Quando foi eleito—poucos meses antes da sua instalação na White House de Washington, o seu medico (era, por acaso, o que assistira á morte de Wilson, Dr. Bemett) annunciou-lhe uma crise séria de figado—producto das arrelias, emoções nas horas de expectativa e de luta da eleição. Actualmente—Hoover piorou, sendo raro o

mês que não recolhe aos seus aposentos com ordem de não se enervar seja com o que fôr, o lado direito todo vampirizado pelas ventosas e ameaçado de um mal mais grave. E já que estamos na America diremos que o presidente Machado, de Cuba, é um intercolítico adiantado, sofrendo de colicas semanais dando o medico ordem para realizar uma passeata pela Europa, bebericando aguas

Na Europa temos, encabeçando o elenco dos azes da vida politica, Benito Mussolini—cujo estomago é como uma pilula de chumbo, que os seus adversarios o obrigassem a tragar em troca de tanto oleo de ricino com que os seus «camisas negras» castigavam os «outros». Mussolini além de ser um dispeptico, é um hipertrofiado-cardíaco. As suas más digestões gastam kilos de bicarbonato todos os anos.

Baldwin é um reumatico do lombo o que experimentou todos os tratamentos—sem resultado. Zambora, o presidente da Republica Espanhola—sofre de arterio-esclorose. Paul Daurmer, o actual presidente da França, além da bronquite está sujeito a frequentes crises da bexiga, sendo terríveis os episodios consequentes que Le Quotidien conta a. . . proposito. Laval—ninguemo ignora, pa-

(Conclue na pagina 13)



Os homens do futuro

**O madeirense que era... todo aparelhos
—Um terço do corpo do marquês de
Vilalobar—Os marcianos de Wells—
Os órgãos que se podiam suprimir**

NUMA Gazeta da Madeira recém-chegada ao continente lêmos uma singular noticia de poucas linhas—que, a ser tratada por um reporter experimentado, *ut placet*, mereceria o espaço de algumas colunas e a gloria de um eco mundial. Reproduzimo-la: «Faleceu ontem nesta cidade o sr. F. Antonio Ribeiro da Silva, natural de Samodães que, muito novo emigrou para a America do Norte, tendo vivido durante vinte e oito anos em New Bedford, onde conquistou á força de trabalho, uma importante fortuna. Tendo-se retirado dos negocios em 1929, veio instalar-se no Funchal. O medico que assistiu á subita doenca que o fulminou em poucas horas ficou surpreendido do estado fisico (?) do doente. Sabia-se que o sr. Antonio Ribeiro da Silva tendo sido vítima há anos dum accidente



que o tivera entre a vida e a morte; mas agravaram-se as consequências desse desastre que só ontem, pela necessidade de chamar um medico, revelou. Ambas as pernas e braços, eram artificiaes, mecanicadas, pelo sistema mais moderno; não tinha um rim nem um pulmão; os dentes eram postiços e o olho direito de vidro. Tão perfeito era todo o material que usava—que só o olhe de vidro... se via, que era de vidro.»

Este homem quasi artificial não é o unico—nem o mais incompleto da actualidade—havendo forses razões para supor que num futuro proximo a ciencia consiga libertar a maquina humana de um grande numero das suas peças interiores e exteriores—

não só quando o individuo seja vítima de qualquer doenca ou desastre que o inutilise—mas sobretudo porque existe uma forte corrente que tende a evitar ao homem serios contratempos que são causados por excesso de órgãos e de accessorios dispensaveis. Lisboa conheceu há anos, um diplomata espanhol—Marquês de Vilalobar, que veio a morrer... de velho, ministro em Bruxelas—que, como aquele madeirense acima evocado, tinha braços, e pernas, postiças, a porte outra lacunas internas—o que não o impedia de fazer uma vida mundana—bailando, caçando a rapoza, a cavallo, e até guiando automoveis—como se fosse um homem inteiro.

O admiravel romancista profectico inglês—Wells—apresenta no seu livro «Guerra dos Mundos» o tipo do ser perfeito pelo avanço de uma civilização secular—o marciano, e o marciano de Wells parece-nos com um craneo hipertrofiado; os membros superiores e inferiores em forma de longos tentáculos, ricos de força e de agilidade mas quasi sem torax.

A alimentação nesse caso, era feita por meio de injeções de sangue de animais intellectualmente inferiores, criados como agora se criam galinhas, coelhos, porcos não para serem devorados mas sim para fornecerem um sangue-perfeito que iria enriquecer, o nosso sangue, aplicado directamente nas veias.

Ha tempos, o Dr. Doyen, um dos medicos mais illustres de França, publicou um artigo enumerando as peças que o homem podia dispensar, seguindo, durante o tempo de adaptação, um regime especial. Os intestinos, por exemplo, podiam de inicio, serem reduzidos a menos de metade—desde que o homem se sujeitasse a uma alimentação apropriada. O estomago, o fígado, os rins, seriam atrofiados pouco a pouco, até á sua supressão total. O proprio coração diminuiria a sua despótica importancia no governo do corpo humano—sofrendo um tratamento especial. Quanto ao cerebro, não só não seria atrofiado—e menos suprimido—como o desenvoleriam, contraindo-o contra todos os perigos a que agora é sensivel.

E' muito possivel que, num acordo futuro entre os sabios e o creador, o ser humano se limite ao espirito invisivel; e coberto do envoltorio carnal seriamos todos muito mais felizes. Pelo menos... não teriamos de pagar ao mercieiro—nem ao alfaiate.

R. X.

Não se junta dinhe

Todos se queixam de que, hoje em dia, juntar dinheiro á baila a crise, o preço quanto é preciso á vida, as dificuldades da hora presente, querendo aquela opinião: mas nada mais. Pode-se juntar dinheiro, e quando diga a Casa Mendonça, do Rossio 74-T., que trata da melhor forma de empregar capitais, encarregando-se compra e venda de propriedades, administrações, etc., e de tal maneira, que o seu nome é hoje conhecido e respeitado em todo o país.

Para a Casa Mendonça a crise não existe, e ela e os seus clientes prosperam continuamente.

A ZEITE

SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.^o

TELEFONE 4998 — PORTO

Uma fotografia transmitida telegraficamente

Uma pessoa que tivesse falecido há 100 anos e voltasse á terra, se isso fosse possivel, voltaria a morrer de espanto por motivo dos ultimos progressos da ciencia em todos os campos.

Que diria um dos nossos avós se lhe dissessemos que uma fotografia fóra transmitida pelo telegrafo? De-certo não, acreditaria. Pois nada mais natural é a fotografia que estas linhas accompanha, que reproduzimos da «Dally Mirror» foi pelo telégrafo, processo Bartlame, transmitida dos Estados-

Unidos. Representa o tenente da marinha norte americana Thomas A. Masrie, que juntamente, com a esposa, sogra e um marinheiro americano foram presos, acusados do assassinato de Kahawaii, cujo corpo foi encontrado num automovel, e que havia pouco tinha sido absolvido da accusação de ter assaltado a esposa do tenente Masrie.

Pela transmissão telegrafica da fotografia tiveram primeiro conhecimento do crime os jornais ingleses de que os norte-americanos.



Reprodução da gravura publicada na «Dally Mirror», transmitida da America para Inglaterra pela T.S.F.

Uma escola de ladrões em Lisboa

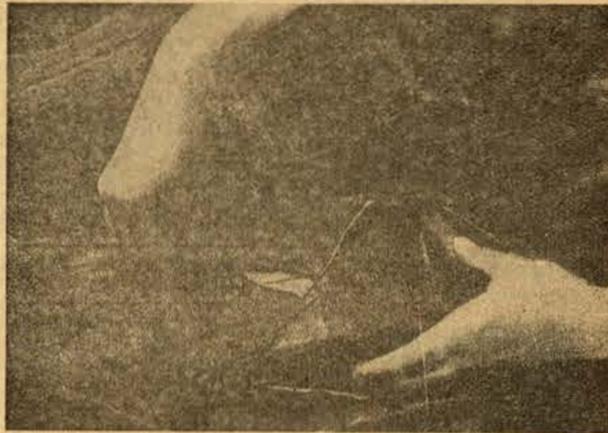
Uma viagem pouco feliz—Perdidos no Bairro Alto—um "chic" "apartamento"—Uma velha casa arruinada—Um homem grave—Vários rapazes bem tratados—O "mestre" espanhol—O milagre da multiplicação—A Pista

Como uma estranha aventura dum cidadão de Barcelos nos dá a pista de um professor de carteiristas

ESTÁ provado que, em jornalismo, sobretudo em jornalismo dum país como o nosso, onde a loga-comum substitui a originalidade; onde o velho dos loga-comum causa em nós de inérrito todo o esforço em procurar a novidade, em oferecer reportagens sensacionais provoca um tal desequilíbrio nervoso que os espíritos mais serenos e justos não hesitam em coluviar-nos, atribuindo à fantasia o que é realidade pura, despezada pelo comediismo indolente, mesmo ou por inimizade da maloria. Não acreditar que existam assuntos de grande importância acaion e dos reporteres que quer, me, e feto qu'brar a monotonia do ambient — e como negar a existência de bô e g'nerosos almas numa época de goismos de perverção. Se já comi fô — seria uma ironia g'nerica e card — desp'ezar uma matéria prim' sensacional que conquistam s com trabalho — porque não é b'ndic — é estr. Aza do logar-comum. A no-su uni, a tele — rancia — em o nequitos — de certos críticos — é ch'ncelar a reportagem com todos os elementos — proutivos que p' d' mos reunir. E vamos aos factos.

Um espantallo... sem passaros

No ultimo movimento revolucionario um cidadão de Barcelos, cujo nome não conseguimos apurar, mas cujos dons profeticos, em materia revolucionaria, não são, de certo para piar, resolveu pela primeira vez vir de passeata até á capital — sem a menor suspeita do que o aguardava em Lisboa. O coubeo deixou-o no Rocio, em pleno alvoroco e o nosso pobre forasteiro, assustado com o ladrar das metralhadoras, galgou sem respiração, a calçada do Carmo e perdeu-se no labirinto das vielas do Bairro Alto. O estomago, após uma abstenção forçada de varias horas reclamava uma refeição, que ele já não sabia se seria janta, ceia ou almoço. Por outro lado, o corpo, apesar de robusto, estava amarfanhado pela longa viagem e



...Um gesto rápido e a carteira saltou...

pelas emoções e corridas da chegada, e exige lha repouso. Mas ele não conhecia ninguém, todas as portas estavam prudentemente fechadas — e já o nosso provinciano amaldiçoava a sua reação em turismo quando descobriu, não sei se na Rua das Gavias ou na da Atalaia, um rosto assustado, espreitando pela janella entreaberta de uma baiuca. Chegaram a falar o cidadão de Barcelos e o taxiqui e como este era minhoto, quiz logo demonstrar a sua lealdade... regionalista — auxiliando o outro. Comer, pôde V. comer em minha casa; quanto a dormir, talvez lhe arranjo uma casa sem bichos e fofa de colchões, uma casa da vizinhança.

Tão pouco sabemos onde se foi hospedar o forasteiro. Mas do que podemos ser fiadores é da exactidão do relato que ele, dias depois fez a um amigo comum, a proposito da noite tenebrosa que passou nessa hospedagem aventureira em Lisboa.

— O taberneiro — conta o cidadão de Barcelos — esperou um momento de relativo socego para me acompanhar a tal casa que ficava vizinha a nossa loja, numa viela que corta a rua onde ele vive. Era um terceiro andar dum predio velhissimo. Os degraus rangiam sob os meus pés como se não suportassem o meu peso. Além disso o cheiro... a passagem de muitas gerações de gatos ou pestava o ar. Vem abrir a porta a uma senhora — que não condizia com a pobreza da casa. Teria os seus quarenta annos, vestia um fato de sedá negro, trazia muitos cordões anneis e os brincos brilhavam como se fossem luzes. O taberneiro entrou e eu fiquei no patamar. Cochicharam fosse o que fosse e por fim mandaram-me entrar. O casal Papéis futuristas nas paredes, noveis chiquissimos, tapetes, um luxo de palacio! A dama pitou-me dos pés á cabeça — e u andou-me entrar, disse-me: «Eu tenho a casa cheia para uma ou duas noites sempre lhe arranjo um quarto. O que preciso é que se deite cedo (a noite não está para brincar) e que saia cedo, para o caso do dono do quarto vir não o encontrar ocupado...»

«Aceitei, puderam!!! E fui logo deitar-me porque o corpo estava a pedir-me cama. Adormeci antes das nove. Subito acordei. Julguei que tinha sido por estranhar os colchões, mas pouco depois comprehendí que era o despertador. Apiquei o ouvido, e desentei um ruído de algumas vozes como uma confusa...»

Enoitei de inumeras noveis policiaes — e era a primeira vez que dormia fóra de casa — e logo

As ultimas de «Al Capone»...

Mesmo na penitenciaria é ele quem organisa os atentados

E JACK DIAMOND, DE CUJA AUTOPSIA RESULTARAM REVELAÇÕES CURIOSAS, PARECE TER SIDO MAIS UMA VITIMA SUA

Os leitores não terão esquecido, seguramente, o nome de Betty H. Ariques, o famoso b'itarino português que tão pródico exito obteve nos Estados Unidos e cujas relações com Al Capone foram reveladas num ser e de reportagens no «Reporter X». Betty H. Ariques escreveu no «Chicago Tribune» que, entre outros casos, o que se seguiu: «Após uma rápida tournée pelos estados eu vihos rep'arar no Colosimo's de Chicago que, officualmente, já não pertence a Al Capone. A cond'nação do célebre «gangster» foi uma urpeza tão violenta para todos que conhecem a sua força politica, social, s'ceta e economica, que muitos só se renderam á evidencia, acrescen'ndo o seguinte comentário: «Al Capone foi condenado por que... assim quiz.»

Falando ha dias com o gerente desta casa («Colosimo's») segredou-me ele que, ao visitar

tar Al Capone no Tribunal, após a sentença, esta lhe d'ssera:

«E-tava me fazendo muito falta uns tempos de repouso para lidar varios assuntos urgentes que não podia fazer em liberdade. Os vários assuntos urgentes começaram logo a ser liquidados... (A morte de John Steven, traidor; a explosão de uma bomba na «Chicago Tribune»; e outros cinco ou seis atentados de que foram vítimas inimigos de Al Capone) sem que a policia agoras fosse acensar, visto que... Al Capone vive tranquilamente na penitencia de H. Quem afirma que Jac Diamond, etc. na lista dos assuntos urgentes e que as mulheres que o insultaram na te'gria foram jogadas pelo celebre gangster que lhes explorou o cume. Al Capone tem um unico lugar tr'ne, em ligação com ele e que todos ignoram qui m seja. A autopsia do Jack Diamond era que o teuzel ba oido m'rr'ra por os b'itas das assas inos lhe h'v'arem at'vessado o crânio, o fígado, os rins, o coração e os pulmões.»



Jack Diamond, tendo indicado p' las setas os sitios onde foi atingido pelas balas

em Lisboa, uma cidade grande, onde, pelo que se diz, o banditismo não fica atrás de Paris e do de Londres, que os sr's. Eugénio Sue, Gaston Lerroux e Conan Doyle descrevem nos seus livros. Confesso que... tive medo. «Se calhar há cá um covil de ladrões — pensei — e julgam que venho recheado de notas. São capazes de dar cabo de mim, enquanto um diabo esfrega um olho». Sentei-me na cama e continuei a escutar. O que mais me estranhava é que, entre o ruído das vozes, distinguia o tilintar de campainhas... A bandeira duma das portas do meu quarto, apesar de estar velada por um reposteiro, transparecia certa claridade. Havia luz na saleta contigua que era oposta a aquele por onde eu passava para entrar na alcova. Descalço, aproximei-me da porta. Estava fechada pelo outro lado — mas não havia chave na fechadura. Espreitei. Estavam varios tipos — rapazes novos e bem fortes, em redor dum sujeito de meia idade, como alunos que escutam uma lição do professor. Volta e meia desta-vava-se um dos rapazes, que saindo do grupo saia tambem do meu alcance. Era nesses momentos, quasi sempre que eu ouvia tilintar umas campainhas. Esta cena durou mais de uma hora. De tempos a tempos, o sujeito de meia idade, olhava, recesso, para a porta do meu quarto e colando o indicador ao nariz, obrigava os rapazes a falar mais baixo... até abandonarem a saleta — apagaram a luz; mas o luar entrava pela frincha da janella, traçando uma seta aldocente sobre o tapete.

Na certeza que não me veriam, trepei a uma cadeira e espreitei pela banteira. Calcula tu o meu panico ao notar no extremo da saleta uma especie de faz-tudo de circo, trajando uma velha sobrecasaca, quieto, até á immobildade, umas vezes; outras seguramente agitado como um enforcado que a brisa impelisse... e o meu panico atingiu o terror ao reparar que esse misterioso individuo... não tinha cabeça; que os seus vagos movimentos eram produzidos por um gato que se roçava por ele; e que, a cada momento, tilintavam varias campainhas.

«E a convicção de um misterio macabro ter-me-hia levado a um berrir; escandaloso — se não duvidasse immediatamente que o... cadaver decapitado — era um espantallo, como aqueles com que nós, no Minho, afugentamos os «passaros»...»

De [Notre Dame de Paris... à actualidade

No dia seguinte a revolução estava completamente dominada pelo governo; o socego reinava em toda a cidade, — e o nosso forasteiro saiu do quarto muito cedo, — para se encontrar muito longe daquelle local. A' s'ida encontrou-se com a dama de grave toilette de seda negra. Quanto devia pela hospedagem — indagou.

Que era o marido quem tratava do assunto. E o marido appareceu logo.

O individuo de Barcelos estremeceu, ao reconhecer-lo; o marido da dama era o cavalheiro da meia idade que, no celebre canto da saleta do espantallo parecia chetar o grupo dos rapazes bem tratados...

Este desabafo foi feito pelo heroi da aventura aos ouvidos do nosso amigo Gabriel Rozado illustre artista e professor musical que é uma das glórias da cidade de Barcelos.

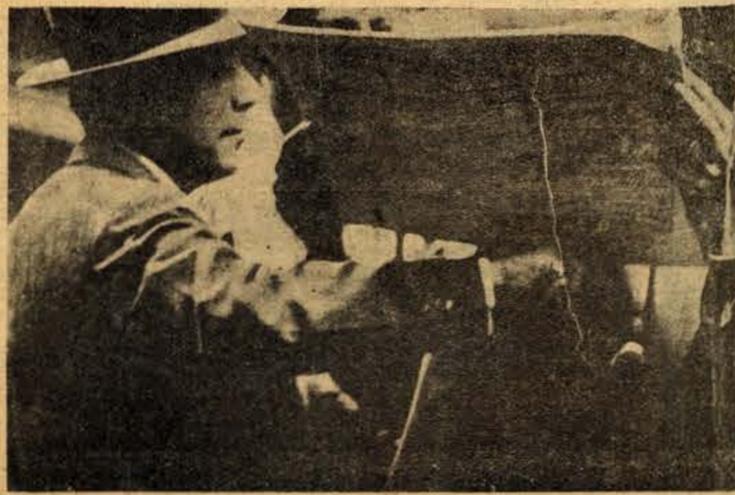
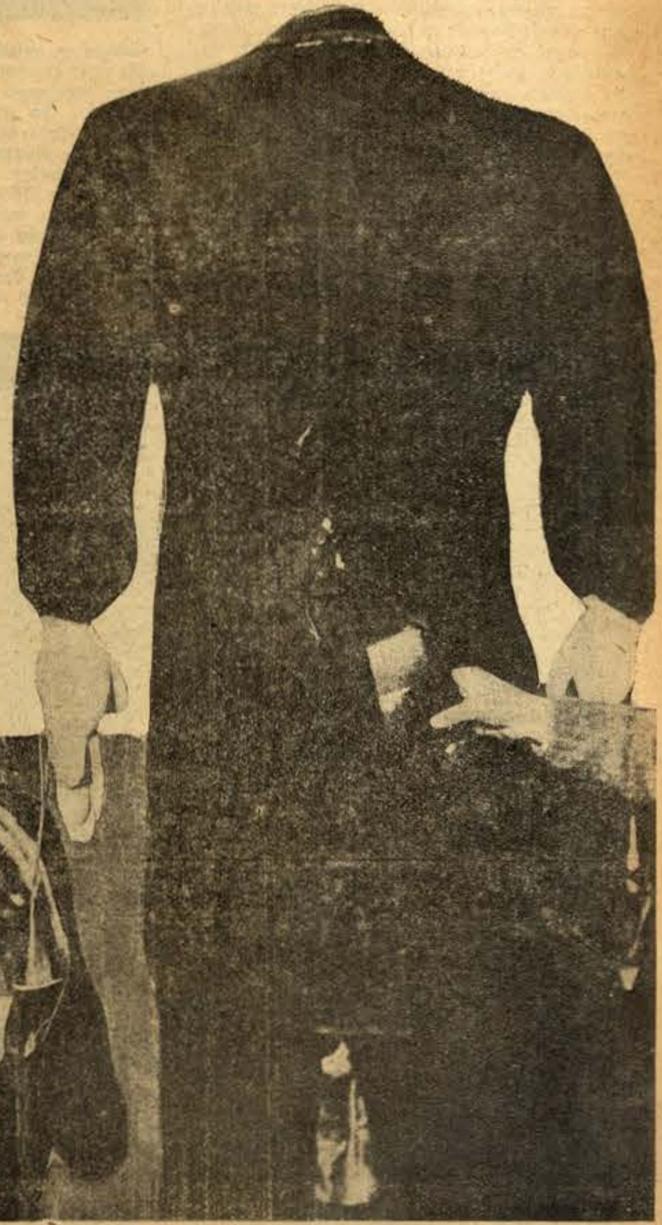
Quando Gabriel Rozado no café da «Brasileira» nos reproduziu estas confidencias — estava presente um antigo adjunto da P. I. C. — que deixou o seu nome ligado a alguns dos casos mais interessantes que aquela policia resolveu entre 1926 a 1929. Eis o seu comentário a respeito da aventura em questão.

— Um dos agentes mais habéis e experimentados da policia lisboeta — B. B. — falou-me uma vez na existencia de uma ou mais escolas

de gatunos — de carteiristas sobretudo uma pelo menos existiu até ha pouco em Lisboa — e já direi porque o afirmo com tanta segurança.

«Recordam-se da «Notre Dama de Paris» de Victor Hugo? Já n'essa época — século XV — se ensinava a roubar, na capital de França num bairro habitado só pela escoria, chamado *Coru des Miracles*. O sistema era o de manequins com guizos e cascaveis — e o aluno era obrigado a retirar a carteira que o mestre ocultava numa algebeira interior do espantallo. Mas se os guizos tilintavam — era porque ao aluno faltava pericia e não servia. Em Espanha não tem conta as esco-

(Conclue na pagina 13)



A' esquerda: — Um aluno que honra o mestre. A' direita: — O célebre espantallo do Bairro Alto, ou qualquer «gêmeo»

EXISTEM dramas que morrem no segredo das almas que os sofreram — sem nunca transparecerem. Este a que nos vamos referir — e bem recente — pertence a essa categoria: Os jornais de dezembro apontaram-no, sem o iluminar (Uma detonação misteriosa) era o título da notícia... de três linhas) ignorando a reportagem que essa notícia podia dar.

Um comerciante de nacionalidade belga veio muito novo para Lisboa e de cá partiu para Angola, onde se associou a uma empresa agrícola. Há anos comprou a um indígena um «vatino» espécie de orangotango de pou os meses, cujos pais tinham sido mortos a tiro. Companheiros experimentados aconselharam-no a desfazer-se do animal — assustados com a fama da ferocidade. O belga não lhes deu ouvidos, e começou a criar o «vatino» com uma ternura... quasi paternal. Em 1928, conheceu uma senhora portuguesa com quem casou, vindo residir outra vez para Lisboa — instalando no quintal da sua casa, em Campolide, uma jaula para o orangotango que crescera, que se agigantara, possante e musculoso como um *hercules humano* (perdoem o pleonasma, como diria Acacio) mas que se mostrava humilde e terno para com os seus donos. No mês de fevereiro do ano passado o belga foi obrigado a ir a Africa, resolver um problema financeiro, deixando toda a familia em Lisboa. Poucos dias depois de desembarcar recebeu um telegrama annunciando-lhe que a esposa tinha razões para profetisar uma breve maternidade. O belga resolveu, com impaciencia, os seus negocios — e voltou a Portugal no mês de outubro. Uma surpresa desagradavel o aguardava: o «vatino» modificara-se na sua ausencia, tornando-se feroz e sofrendo frequentes acessos de colera. Os criados que o tratavam desde pequeno — recusavam-se a abrir a jaula ou a entrar nela. Sós

Feras... de trazer por casa

O drama misterioso de Campolide — O orangotango inofensivo. — A lenda do escravo Tobias, actualisa-a. — A leão «Dadá» do Jardim Zoológico. — O leopardo Sarah Bernhardt e o tigre de Mistinguette. — A ceia do Marigny. — Uma gota de sangue.



á patroa o animal respeitava e obedecia. O belga quiz experimentar a sua influencia — mas a fera recebeu-o com tal raiva que ele não insistiu... No mês de dezembro, ultimo, a esposa morria de parto. O que se passou no segredo da alcova da parturiente só o médico o podia revelar... O nado-morto foi occulto aos olhos de todos e levado para fóra de casa, pelo proprio médico. O viuvo mostrava-se numa exaltação que não é vulgar como exteriorisação de sandade, quando nos morre um ente querido e dir-se-ia um homem profundamente ofendido e que se queima no proprio ardor da vingança. Três

noites passou sem se deitar, após o enterro da esposa; e á quarta os criados ouviram uma detonação. Correram ao quintal e viram o amo empunhando uma pistola, sussurando por entre os dentes blasfemias — e com os olhos esgazeados, fixos na jaula, onde a fera que ele creara com tanta amizade, agonisava num charco de sangue...

Nas vespas do Natal, despediu os criados, gratificou-os, confiou a liquidação da sua casa a um amigo — e partiu para a Belgica.

Que misterio oculta todo este drama, em redor desta fera *dome-lica*? A verdade, nunca a saberemos — mas não é difficil aventar qualquer hipotese.

* * *

E' frequente, entre coloniais, o capricho de criar uma fera, apañhada em pequena e deixa-la á solta, no lar, como se se tratasse de um animal inofensivo. E' frequente — mas é perigoso. Por muito domesticada que esteja a fera, o menor incidente, lhe desperta os instintos; e estes fazem-lhe esquecer toda

a gratidão, toda a ternura e todo o medo que os donos lhe inspiravam. Há poucos anos, um alto funcionario de Benguela ofereceu á esposa dum comerciante um leão de mezes que ele creara com leite. A leão crescera e a certa altura os criados negros avisaram o patrão de que a fera dava sinais de... sede de sangue: assistira a degolação de uma galinha e este espectáculo deixara-a numa excitação constante. Como havia crianças em casa e a leão passeava livremente pelos corredores e pelas salas — resolveram oferece-la ao Jardim Zoológico, sem que o funcionario, seu primeiro dono o soubesse. Rodaram três anos — e um dia a esposa desse funcionario, visitando o Jardim Zoológico, notou que uma das leões se agitava ao contempla-la, parecendo querer pular para fóra da jaula para vir ao seu encontro. Sob o palpite de que fosse a fera que ela ajudara a criar, com o marido — chamou-a pelo nome — «Dadá» — o que mais exaltou ainda o animal. Na certeza de não estar equivocada, solicitou e conseguiu licença de entrar na jaula — e com grande pasmo dos guardas e visitantes a fera veio acarinha-la e lambem-lhe as mãos, como se fosse uma cadela...

Sara Bernhardt, a grande atriz francesa quiz um dia entrar numa jaula de leões, da *ménagerie* de Poulain. O domesticador acompanhou-a e as feras nem sequer mostraram estranheza. Sara ficou por tal forma *simpatisada* com as feras que comprou a Poulain, por 3.000 francos um leopardo de mezes, que durante anos a acompanhou por toda a parte, até nas *tuas*, passeando pelas ruas, com açamo e correa, como se fosse um cão. Mistinguette tambem teve o capricho de se fazer acompanhar por uma cria de tigre-femea. Uma tarde, já o tigre crescera perigosamente. Mistinguette apareceu no Bois, com a fera ao lado, presa apenas por uma corrente; mas ao deparar-se-lhe um cão galgo, o tigre enfureceu, desprendendo-se da corrente e lançando-se ao fragil inimigo, que só deixou depois de o matar. Mistinguette conseguiu depois domina-lo e reconduzi-lo. Nessa mesma tarde a policia ordenava-lhe que se desfizesse da sua incomoda companhia ou então que a enjaulasse. Mistinguette vendeu-a ao dono do *restaurant* Marigny, do boulevard de St. Martin que o matou e a ofereceu, preparada á indiana, numa ceia que ficou celebre e que foi presidida pela propria Mistinguette.

Antes da guerra ancorava todos os meses no nosso porto um navio alemão da carreira sul-africana, cujo comandante andava sempre acompanhado por um leopardo que comprara no Cabo. Graças á sua fera, salvara a vida, ameaçado pelos seus marinheiros, numa revolta a bordo. O leopardo lançara-se contra os revoltosos que se renderam logo, supplicando ao chefe que... aquietasse a fera. No Jardim Passos Manuel do Porto, existe uma tipografia cujo dono comprou, ha anos um leão recém-nascido, criando-o... a *iberon*. Um dia, o animal mordeu, brincando, um dedo ao dono; ao vêr o sangue correr o *inofensivo* leão transformou-se no... que era — uma fera — e a custo foi dominado.

Feras... domesticas — só o gato; e mesmo com esse é bom cortar-lhe as unhas.

Este jornal foi visado pela
Comissão de Censura

OUVINDO UM PENITENCIARIO

O "524" está inocente?

Uma multa pretexta para a prisão dum homem como se arranca uma confissão — Erros judiciais

OCIOSO se torna enumerar aqui todas as campanhas e artigos que o nosso jornal tem mantido através da sua vida de quasi dois anos, sem um desfalecimento, através de tudo e de todos, numa luta insana por um ideal: tornar mais pura esta sociedade cheia de sanguessugas, de crápulas e de venenos. Estão ainda na memória de todos nós os resultados dessas campanhas e desses artigos, para que seja necessário relembrá-los.

E, satisfação máxima, a nossa consciência, está absolutamente tranqüila, pois nunca se contribuiu, num ápice, para o prejuizo de ninguém, aparte aquêles cuja vida ou cujos actos justificaram os referidos escritos, pelo que tinham de mau em prejuizo da comunidade.

Podemos orgulhar-nos de sermos o jornal português mais discutido, o que quer dizer que tudo quanto aqui se tem escrito é digerido pelos nossos milhares de leitores, só assim se compreendendo os resultados obtidos na defeza a que nos impuzemos.

Grande tem sido a série de ataques que nestas colunas se tem dirigido a pessoas e a entidades cujas vidas e actos merecem a nossa repulsa. Representam êsses ataques uma defeza sistemática da maioria oprimida por êsses escalrachos, os quais, valendo-se da teoria de que anda 90 por cento na população mundial para enganar os restantes 10 por cento, enfileiraram naquela maioria, para levarem uma vida relastelada, embora para tanto tenham de reeorrer aos mais vergonhosos e imorais traes.

E' dentro dessa orientação que *Reporter X* tem tomado também a defeza de pessoas ou entidades que vemos atacados nos seus direitos, ou espesinhadas pelas circunstâncias. Para não nos alongarmos mais, podemos citar aqui a defeza acendrada que fizemos de Pita Soares, o português que na América matou por amor e que, graças à campanha desenvolvida na imprensa portuguesa, mas muito especialmente pelo nosso jornal, conseguiu livrar-se dos horrores da cadeira electrica.

Ouvindo o «524»

Vem isto a propósito de se encontrar a cumprir uma pezada pena, na Penitenciária, um homem, que afirma ter sido vítima dum erro judiciário. Trata-se de António Mestre, de 63 anos, do lugar de Mosteiro, Mértola.

Agora já não é António Mestre, é o 524. Fômos ouvi-lo e da nossa conversa, conversa penosa de quasi duas horas através do palatório, resultou em nós a convicção arreigada de que se trata, na verdade, dum erro judiciário.

António Mestre foi acusado de ter morto, à sacholada, no Mosteiro, António Gonçalves, crime praticado em 16 de Setembro do ano findo. Julgado em Mértola, foi condenado em 25 anos de prisão.

Não é nosso intuito menos presar a decisão do digno tribunal que o julgou. Não está nos nossos hábitos fazê-lo, já porque seria faltar às regras de cortezia que estamos acostumados a manter, mas até porque não podemos garantir a autenticidade dos factos que nos levaram a convicção de estarmos na presença de mais

um erro judiciário. Limitamo-nos, por isso, cumprindo o nosso dever, a apontar o facto, cónscio de que na nossa terra ainda ha quem, tendo por dever de cargo que zelar pela boa administração da justiça, não regateará as delgências necessárias ao esclarecimento deste caso, certo é, que vale mais absolver um criminoso do que condenar um inocente, na autorizada opinião de quem foi enorme dentre todos os grandes criminalistas mundiais.

Contou-nos António Mestre que fôra preso em 3 de Outubro passado, por dois guardas republicanos, porque se negara ao pagamento duma multa por causa duns porcos. Levado para o posto da mesma guarda, permaneceu no calabouço, até que no dia seguinte, lhe appareceu um sargento e mais dois guardas, que, sem mais nem menos, lhe disseram:

— Foi você quem matou o António Gonçalves!

O interpelado negou, mas de nada lhe valeu isso, porque passou a ser alvo de agressões, tendo chegado a ponto de o despirem, para melhor o supliciar, pretendendo assim arrancar ao António Mestre a confissão. Este martírio durou dois dias, até que, ao terceiro, António Mestre não podendo resistir mais tempo, confessou um crime que não cometera.

Mas não parou ainda aqui o seu martírio. Pretendendo reconstituir o crime, os seus algozes levaram-no depois à residência do morto, para ali êle dizer como praticara o assassinio. E, como nessa altura êle não explicasse como fôra feita a morte — como o poderia fazer, êle, que não fôra o seu auctor? — voltou a ser agredido, até que confirmou tudo quanto queriam, que êle confirmasse.

Tudo isto nos contou o 524, ten lo-nos explicado também, com uma grande soma de pormenores, o que foi a sua vida no dia em que o crime se deu, sempre à vista de imensas testemunhas, pelo que pare ce poder provar-se que António Mestre é uma victima arranjada para dar uma satisfação à sociedade sem consideração alguma pelo valor duma vida, pois o herói desta cena — a não ser que se ordenem delgências das quais resultem provada a sua inocência, difficilmente conseguirá voltar a gosar a liberdade e o sol da sua terra, vista a sua avançada idade.

A justificação do nosso ponto de vista

Errar é próprio dos homens. Não fica mal a ninguém, por isso, mesmo, ter errado. E' até



dignificante reparar que se errou e procura reparar o erro. E como os magistrados são homens, como não admitir que errem?

De resto, não está a história da criminalogia cheia de erros judiciários? De entre os milhares que se conhecem — e não temos a veleidade de supôr que os conhecemos a todos ou a maior parte — torna-se curioso citar alguns, para melhor documentação do nosso juizo.

Há uns trinta anos em Guimarães, mataram um homem. No dia seguinte foi preso como sendo o assassino, um outro que estava de relações cortadas com o morto e que fôra visto passar pelo local onde aquêle perdeu a vida. Avolumaram-se as provas contra o presumido assassino, que julgado, foi condenado como auctor da morte do moleiro, — tinha esta profissão o assassinado.

Rodam os tempos e quando o condenado começava cumprindo a pena, fazem-se novas investigações promovidas pelo Dr. Alfonso Costa, e prova-se que o assassino não fôra aquêle que ia sofrer a pena, mas um amigo do morto, que estivera a velar o cadaver, que o acompanhara ao cemitério, que lhe offerecera uma corôa e que — ô câmulô! — fôra a principal testemunha de accusação contra o primeiro condenado. Este caso, que ficou sendo conhecido pelo *Crime do Zézinho das Cigarras*, foi muito debatido na imprensa de então, e foi com êle que o Dr. Alfonso Costa firmou a sua reputação de grande advogado.

Mais tarde, há uns 25 anos, no Pôrto, temos o crime da Companhia das Aguas. Um homem appareceu morto num caminho por onde passava uma vagoneta do serviço daquela compa-

(Conclue na página 15)

Hoje! Novo Concurso "Kolosso" do "Reporter X"

E' hoje á primeira

" CAÇADA ÀS FERAS "

MAIS RÁPIDO, MAIS SIMPLES, MAIS EMOCIONANTE AINDA DO QUE AS GRANDES «BATALHAS NAVAIS»

4 MIL ESCUDOS DE PRÉMIOS SEMANAIS

1000 escudos para Lisboa—1000 escudos para o Porto—1000 escudos para Coimbra—1000 escudos para as provincias

Não percam tempo. Comecem hoje. Os premios são em dinheiro—Só em dinheiro!

OMEÇA hoje o segundo grande concurso do Reporter X, correspondendo á confiança e á simpatia que por nós mostraram ter milhares de leitores, e atendendo ao pedido de muitos deles, recomeçamos hoje os concursos kolosso que tanto exito obtiveram.

A forma do concurso

Todas as sextas-feiras, a partir de hoje, o «Reporter X» publica, além da lista de cinquenta animais da sua «Arca de Noé», uma senha de concurso com nove jaulas, igual á que segue, em que todos os leitores devem escrever o nome de nove animais entre os cinquenta indicados.

Por exemplo:

1 LEÃO	2 PULGA	3 CAVALO
4 CÃO	5 AVETRUZ	6 URSO
7 TIGRE	8 RAPOSA	9 BURRO

Hoje mesmo ás 10 horas da manhã, o Reporter X em Lisboa, na montra da «Havaneza do Calvário», Largo 20 de Abril, 27-28; e ali, L.da—Sapataria Chado», Rua Garrett, 96; na «Havaneza do Almirante», Rua Joze Faico 41 43; Em Coimbra: Tabacaria M. B. Ferrel a & Irmão Rua Occidental de Monte Arroyos 29; e no «Es anco Feliz», Praça 8 de Maio; no Porto: na Agencia de Publicações de Manuel da Silva Bra a, na Praça da Liberdade expõe vários envelopes fechados e lacrados, nos quais se encontra um cartão com cinco jaulas, cada jaula com um animal, escolhidos entre os 50 da mesma lista.

Exemplo:

1 ÁGUIA	2 ZEBRA	3 GATO	4 BALEIA	5 MACACO
------------	------------	-----------	-------------	-------------

Na proxima sexta-feira, ás dez horas da manhã, esses envelopes serao abertos á vista do publico, revelado o seu conteúdo e exposto o cartão com os nomes dos cinco animais escolhidos.

Exemplicando:

O leitor escolheu os seguintes animais:

O leão, a pulga, o cavalo, o cão, o avestruz, o urso, o tigre, a raposa, o burro.

E o envelope aberto na sexta-feira seguinte, enjaula os seguintes animais.

O cão, o avestruz, a raposa, o cavalo e a pulga.

Nesta hipótese, o leitor acertou nos cinco bichos e ganhou o primeiro prémio, mas supnhamos que o cartão apresentava os seguintes animais:

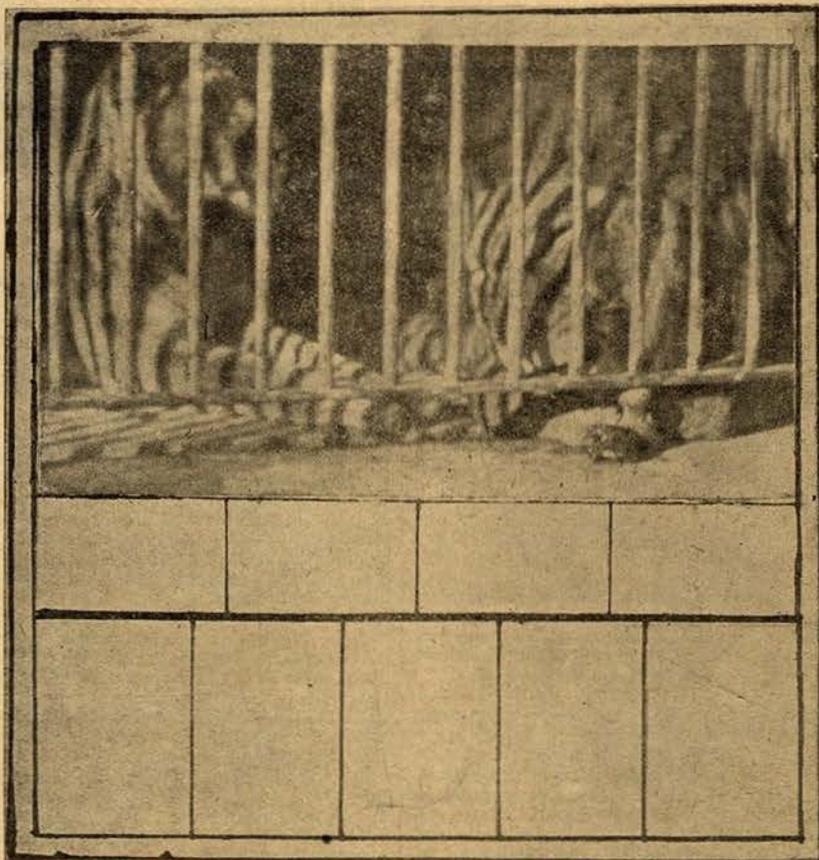
Baleia, «cavalo», zebra, «urso» e «a raposa».

O leitor só tinha acertado em três e, portanto, só ganhava o terceiro prémio. Compreendido?

(Conclue na pagina 13)

Folha da 1.ª «Caçada ás feras»

AS 9 JAULAS ONDE OS LEITORES DEVEM ESCREVER OS NOMES DAS FERAS ESCOLHIDAS NA «ARCA DE NOÉ» DO Reporter X



Nome do concorrente

Morada

Numero

Localidade

Uma escola de ladrões em Lisboa

(Conclusão da pag. 9)

las deste genero — que a policia tom descoberto. Em Portugal sempre desconfiei da sua existencia. Nos annos e nos aquivo da P. I. G. encontra-se o registro da passagem por Lisboa, no principio do seculo, dum aragonez ou andaluz — Belmiro Ortega alcunhado Nono del tambre — que luxava com um rico e que ensinava todos os misterios da arte de furtar por vinte mil reis, em quatro p. estações. Pouco tempo pora nasceu em Lisboa.

Durante anos não demos fe de nenhum herdeiro de Ortega; mas depois da guerra tornou-se evidente a existencia de qualquer focos peifoso desse genero — porque os gatunos carteiristas se multiplicaram inesperadamente...

Os carteiristas de escola

Em 1921, as folhas policiaes denunciavam uma existencia de trinta e tantos carteiristas de

tino, ou seja, profissionais, e de alta escola. Subito, a partir do ano seguinte a policia baseada em factos eloquentes deduziu que, além dos sessenta esticantes, registados, deviam existir mais uns quarenta ou cincuenta. Nos anos seguintes de 1923 a 1928 — tonos os neses se agrem novos cadastrados — e os novos cadastrados — rapazes de 20 a 25 anos — esreiam-se com a mestria de velhos profissionais,

Quando começou a offensiva aos cadastrados, feita p-lo comandante Ferreira do Amaral, fomos avisados que lezanas feitas tinham ido para o estrangeiro e qualquer fazia fortuna visto que as policiaes de Paris, Londres, Berlim, não estavam preparadas... para os acolher — e ainda porque a arte dos cavalheiros não tinha rivalidade, fóra das fronteiras de Portugal — Espanha; h'a evidente, pois, que esses rapazes que se iniciaram nestes — tinham escola; e o agente B. B. d'acordo comigo seguiu uma pista que o conduziu ao Conde Redondo. Mas os donos da escola foram prevenidos a tempo — e voaram.

MODO DE GANHAR

Tendo os concorrentes o direito de enjaular nove animais e, sendo necessario acertar apenas em cinco — a chance é muito superior à las *Batalhas Navaes*. Todo o leitor de Lisboa, Porto, Coimbra ou provincia que, entre os nove bichos, tiver caçado os cinco enjaulados no cartão, ganha o primeiro premio que é de 500 escudos (500 escudos para cada uma das três cidades e para a provincia).

Todo o leitor que entre os nove bichos tiver acertado em quatro, ganha o segundo premio de 100 escudos (havendo dois premios dessa quantia para cada uma das três cidades e outros dois para a provincia).

Todo o leitor que entre os nove bichos tiver acertado em três, ganha o terceiro premio, de 25 escudos (havendo oito premios desta quantia para cada uma das três cidades e outros oito para a provincia).

Todos os leitores que entre os nove bichos acertarem com dois, terão um premio de dez escudos (havendo dez premios desta quantia para as três cidades e outros dez para a provincia).

Os premios

Os 4 000 escudos, são divididos assim: 1000 escudos para Lisboa; 1000 para o Porto, 1000 para Coimbra, e 1000 para a provincia. Ora em cada zona, os 1000 escudos são divididos pela seguinte forma:

1	premio de 500 escudos.	500\$000
2	» » 100 »	200\$000
8	» » 25 »	200\$000
10	» » 10 »	100\$000

CONDIÇÕES DO CONCURSO

Todo o concorrente deve cortar a folha que vai junta a este artigo e que contém as nove jaulas, nas quais se deve escrever a tinta nove nomes escolhidos entre os cincoenta bichos da lista que fornecemos a seguir sob o titulo de «Nossa Arca de Noé», registar o seu nome e morada e entregá-la até à quarta-feira seguinte, às dezanove horas, nos locais acima indicados, sendo-lhe entregue, em troca uma senha numerada que o habilita ao premio. Os concorrentes da provincia devem enviar a sua folha ds concurso pelo correio, acompanhada dum selo de 25 centavos, de forma a estar em nosso poder dentro do prazo estabelecido acima, para que lhe seja remetida a respectiva senha.

A lista dos concorrentes premiados será afixada nos mesmos locais dos envelopes, a ho da abertura. Os premiados deverão apresentar-se nos locais indicados de Lisboa, Porto, Coimbra, acompanhados da senha e de um retrato, sendo-lhes imediatamente entregue o premio que tiverem ganho. Os da provincia, serão avisados pelo

correio, devendo enviar-nos a senha e o retrato para que recebam, na volta do correio, o respectivo premio.

ATENÇÃO

No caso de nenhum concorrente acertar nos cinco animais, será considerado vencedor do primeiro premio aquele que tiver acertado em maior numero (quatro por exemplo) sendo o segundo premio conferido ao seguinte (ao que tiver acertado em três, por exemplo) e assim sucessivamente.

No caso de haver em cada zona (Lisboa, Porto, Coimbra ou provincia) mais do que um vencedor do mesmo premio, serão convidados a reunirem-se e a deliberarem se querem sortear entre si o premio ou divid-lo entre todos. Na hipótese de concordiarem no sorteo, o que pe der será recompensado com um premio de consolação.

Primeira «Caçada às Féras»

4 tenção! Na «Nossa Arca de Noé» estão cinco animais que valem 4000 escudos para os nossos leitores

A «Nossa Arca de Noé»

Escolham nove animais entre os que se seguem...

1, Leão	18, Pulga	36, Vibora
2, Tigre	19, Lobo	36, Serpente
3, Leopardo	20, Toutinegra	37, Pombo
4, Hiena	21, Andorinha	38, Peró
5, Urso	22, Catatua	39, Pato
6, Onça	23, Kavaguri	40, Galinha
7, Crocodilo	24, Foca	41, Coelho
8, Búfalo	25, Giboia	42, Escorpião
9, Hipopótamo	26, Cegonha	43, Papagaio
10, Elefante	27, Sapo	44, Gato
11, Camelo	28, Lagartixa	45, Gato
12, Girafa	29, Baleia	46, Cão
13, Zebra	30, Tubarão	47, Burro
14, A'guia	31, Colibri	48, Espadarte
15, Mócho	32, Raposa	49, Orangotango
16, Pelicano	33, Cavalo	50, Macaco
17, Avestruz	34, Chimpanzé	

Escrevam os nomes dos nove animais «caçados» na folha que publicamos enjaulando cada um deles no respectivo quadrado.

Preparai as vossas pontarias. Podeis ganhar 4000 escudos todas as semanas a partir de hoje!

NA PROXIMA SEMANA

2.ª «Caçada às Féras»

José Duarte «O Chibata»

(Conclusão da pag. 4)

De regresso a Lisboa, qua do a *Mindello* navegava pelas alturas de S. Vicente de Cabo Verde, o contramestre José Duarte foi obrigado a castigar uma praça com 25 varadas. José Duarte recusou-se a cumprir a ordem, declarando que como marinheiro cuja vida, era plena de actos pela humanidade, não podia aceitar o odioso papel de carrasco dum camarada, dum homem. E como o official insistisse pelo cumprimento da ordem, o contramestre invocou a sua qualidade de cavaleiro da Torre e Espada, ameaçando arremessar ao mar a respectiva vetera, no caso de ser obrigado a cumprir o que tanto repugnava aos seus sentimentos de homem.

Mas do seu gesto alguma coisa de muito gran le resultou: Em Portugal não houve mais a pena de castigos corporais. Acabou assim, e bem, uma das vergonhas da nossa nacionalidade.

José Duarte — o *Chibata*, como passou a ser conhecido, — viu-se obrigado, passados tempos, a reformar-se ao posto de 2.º tenente, nunca mais tendo conseguido que lhe fosse reconhecido o direito de promoção ao posto imedito.

Morreu há dias, como vivera, humilde e quasi ignorado. Apenas velhos marinheiros — os do seu tempo — o acompanharam à ultima morada, ladeando o caixão transportado na modesta carreta da «Fraternidade Naval», — a das praças — porque José Duarte assim o quiz, para até na morte ser igual aos que em vida defendera...

As doenças dos grandes homens

(Conclusão da página 6)

dece do fígado, tendo sofrido uma crise grave com comidas americanas. Jorge V, Rei de Inglaterra, tem o sistema nervoso num desequilibrio a que não se hesita em chamar *neurastenia* e a pleura picada em três ou quatro focos perigosos. Victor Manuel, da Italia, passa a vida nas mãos inquisitoriais dos dentistas e a *avarirose*... dinastica de Afonso XIII tem, entre outras, as seguintes manifestações: a de constantes «pirmentos» nos ossos faciaes ao ponto de lhe modificarem por completo o perfil. Tardieu é um asmatico irremediavel, com complicações cardiacas; Mac-Donnald, o polo liberal da politica inglesa, é um gotoso e padecer de continuas laringites; e Alberto I da Belgica, é um artritico já sem cura possivel.

Dos *grandes* portugueses — depois de recordar a gota de Antonio José de Almeida, a tuberculose intestinal e a anemia de Eça de Queiroz — assinalamos a pleura do Dr. Julio Dantas, os rins impertinentes de Rocha Martins que é dos mais rijos e saudaveis — e a...

... Não! Bastal Os exemplos evocados provam que os *grandes homens* estão sujeitos ás mesmas franquezas dos pequenos. Com uma diferença — que estes podem isolar-se tranquilamente com a sua dor e com a sua doença; os outros não... — R. X

Cartas a toda a gente

(reportagens... epistolares)

Ex.^{ma} Sr.^a D. Ester Leão.—*Distinta Artista.—Lisboa.*



Minha Ilma Colega: Permita-me que o modesto autor da «Dança do Sud» trate assim a brilhante dramaturga de «A Sombra». O nosso teatro, tão pobre de originaes, está reunindo um belo repertorio de autores femininos: Virginia Vitorino, Fernanda de Castro — e agora a minha illustre amiga. Não tive a ventura de ver a sua peça — mas ouvi a discutir com calor — symptoma excelente. Não sou de mem e lisonjas — e confesso que não profetizo para essa elite de comedógrafas uma obra duradoura e forte; mas pressinto que ela conseguirá atrair de novo o publico ao teatro portuguez. As mulheres, quando possuem de facto, e espirito — sabem dedilhar o interesse e a sympathia. Não foram as obras de genio que salvaram o teatro, nas épocas de crise, mas sim as obras de interesse e de sympathia. O teatro espanhol agonizava, em meados do seculo passado — e foi Echegaray, com os seus dramas... femininos quem o resgatou. Mas perdoo-me o pessimismo — amargas horas estão reservadas para as dramaturgas portuguezas, se possuirem, como devem, o caminho certo. O nosso neo é dum esticeteza asfixiante — e a nossa mentalidade exageradamente provinciana. Os conflitos que as senhoras erguerem no palco — serão nunca na opinião papalva de certa maioria, urdiduras da imaginação — mas sim copias a papel quimico de dramas vividos. O publico, não sei porque fenomeno de deducção, vê sempre na heroína dos novos dramas — a propria autora. Se amanhã Mme Z... com Mlle X escrever uma comedia em redor dum paixão inspirada por um tenorio do Senegal — meia Li-hoa cochichará que a autora heroica — ou heroica — uma aventura amorosa com qualquer galá africano. Mas que esta injustiça não as deslinda. A arte foi sempre um Calvario para os que a amam... Beijalhe as mãos — Seu devotado R. X.

Ex.^o Sr. Chaby Pinheiro—*Ilustre Comediante. Lisboa.*



Meu caro Amigo: Alguem exclamou à sua passagem, «Como está magro». Foi o bem. Descia V. o Chi do, num paço aritmico e fluido. O seu rosto crespava-se numa expressão de tri-tza involuntariamente exaggerada, por essa excessiva elasticidade de fisionomica de todos os artistas. De facto você está magrissimo... É pessimista — assustado. A sua doença er ou-lhe uma divida terrivel. Você era um homem feliz e ama a vida. A gloria e a fortuna foram-lhe sempre propicias. Subito — uma doença. Para outro, seria um contra-tempo; para V. foi um drama — uma ameaça. Excesso de auto-mimo. O medico garante-me que V. está salvo — e ainda bem. Mas existe outra razão para a sua neura. A enfermidade recubriu-lhe uns quilibros, tornou o seu ventre neno e pançudo, esvasiou-lhe as bochechas como se fossem baldes do Grandela, refinados. Tendes teno o amor proprio. A invulgaridade, da sua corpulencia, destarava-o permitia-lhe considerar-se o maior dos actores... Além disso — confesseo seu pecado — V., nos ultimos tempos, traficava um pouco com as varias esferas da sua carne explorando com ella a gargalhada bçal do publico. Julgase talvez arruinado para a scena — como um cantor que perdeu a voz ou uma linda mulher anavalhada pelo amante em pleno rosto. Não seja criança, meu querido Chaby! O seu grande valor, o seu extraordinario poderio sobre as plateias — não vem da... (perdoe) da enormidade distornte e caricatural do seu fisico, mas sim do seu espirito. Você é um grande artista — não pelo peso mas sim pelo imenso talento com que Deus o fadou! E não pense mais nisso! Aliaz — é uma novidade: o Ch-by magrissimo! Felicitá-o e abraça-o — o seu admirador sincero — R. X.

A M. Aristides Briand.—*Ministro dos Estrangeiros da França.—Paris.*



Excelencia: Acabo de saber que, após tantos anos de ininterrupta actividade ministerial, atravez varios governos que herdavam V. Excia, como chanceler perpetuo da Republica, se vai afastar da politica, por motivos de saude. Todo o xadrez diplomatico mundial, dos ultimos tempos, teve, como unica orientação — o peso de V. Excia. E diz-se a verdade: V. Excia bate o record da agilidade mental, do ilusionismo de espirito, da prestigitação politica.

Salvo raras excepções — todos os paizes, todos os governos, todas as politicas da Europa, America e, Asia — obedeceram aos planos de V. Excia. E uma obra gigantesca. Mas foi ella proficua para a Humanidade? Creio que não e essa doença que o obriga a retirar-se, fortalece a minha suspeita. Longe de mim qualquer insinuação — mas as enfermidades de V. Excia, ao longo de toda a nova vida publica coincidem, invariavelmente, com a oportuniidade em desaparecer do tablado politico. Quando, ha umas dezenas de anos, V. Excia alcançava a chefia das massas proletarias e quando essas massas exigiam de V. Excia, uma offensiva violenta — V. Excia, adoeceu — co val-scendo, nczes depois, deputado dum partido burguez. Depois, quando o chamaram pela primeira vez ao governo e os seus colegas exigiam uma repressão energica contra os ferro viarios em greve — e estes, seus antigos correligionarios, contavam com a sua protecção — V. Excia, adoeceu... logo a seguir de ter assinado um decreto mobilizando os grevistas. Ha poucos nczes ainda quando o presidente Hoover o reclamava — V. Excia, adoeceu — uma simples consipação — o indispensavel para que Laval fosse a Washington e aguentasse o fracasso das negociações. Agora, a attitude da Alemanha, o ambiente formado em redor de Lausanne — são de facto, correntes de ar perigosas — e a velha bronquite de V. Excia, exige grandes cautelas. Uns mezes de repouso — ser-lhe hão salutare. E até á vista! Admirador de V. Excia. — B. X.

D. Ricardo Copyscôa—*Distinto jornalista espanhol e chefe do partido carlista (ou jaimista) nas Vascongadas.*



Meu caro camarada: Li o seu panfleto e ntra os crimes de bestial crueldade cometidos agora no seu paiz, como era de esperar V. aproveitou esse facto de sangue para hoftear a vermelha a Republica. Diz V. que foram as propagandas anti-monarquicas que transormaram como num bruxedo a alma simples e generosa do povo espanhol e que só sob o regime republicano é possível praticar-se taes actos de banditismo! Esqueceu-se que as proezas mais cruéis e factuosas do povo espanhol foram cometidas no seculo passado, em defesa do nosso rei D. Carlos? Esqueceu-se que essa guerra civil ficou tracjada a negro pelos crimes medievais das guerrilhas carlistas, destacando-se, entre muitas as do frade Bass e do padre Muñz, que estupravam as mulheres do minig, quando as sabiam em vesperas de maternidade? O banditismo actual de Espanha está muito longe de se nivelar ao dessa época! Humilde como um escravo, generoso como um santo — e, de subito, num armistício de sinceridade, derrama a bilis acumulada e a celeria torna-o epileptico de ferocidade. Foi assim na Russia; em França — em 93, em Portugal — no Miguelismo. E sabe porque é que os povos, nessas horas sanguinarias, preferem muitas vezes bater-se sob a chefia de homens como o frade Bass — em defeza de bandeiras — como a de D. Carlos de Bourbon? Porque nenhum outro chefe lhes consentiria essas crueldades — dando-lhes até o exemplo... Um carlista — não pode, sem corar, falar da ferocidade do povo espanhol. E você muito menos deve acusar a Republica de despota... Calcule V. o que lhe sucederia se, no antigo regime, publicasse um panfleto contra a monarchia... Seu camarada — só de imprensa — R. X.



Correspondência urgente...

A sr.^a D.^{ma} A. Campos Frias, de Barcelos, é uma nossa leitora que, como milhares delas decidiu concorrer ás *Batalhas Navais do Reporter X*, o emocionante concurso que interessou ao país inteiro. No entanto, como a mulher põe e os correios dispõem, aquela senhora não concorreu porque uma carta posta no correio naquela cidade em 15 de Dezembro, só chegou a Lisboa, como se verifica pelos carimbos do correio, um mês e cinco dias depois.

Por onde a pobrezinha terá andado que tanto tempo gastou para nos chegar ás mãos, não sabemos. Verificamos é que terá feito grande viagem, tendo até tido tempo para dar a volta a Portugal inteiro.

E se a nossa correspondente tivesse ganho se a carta chegasse a tempo? Quem a indemnizaria dos prejuizos? Se fosse um negocio que se não liquidasse por falta da carta, quem lhe pagava o que tivesse deixado de ganhar?

São perguntas estas cujas respostas deixamos ao cuidado do Ex.^{mo} sr. director dos Correios e Telegrafos, confiados em que não voltaremos a fazê-las.

O interesse pelos doentes...

No Hospital de S. José funcionou até ha pouco, uma consulta de doenças da pele e sífilis, que era frequentada por cerca de duzentos doentes, diariamente, batendo assim o record, no número, das demais consultas no mesmo hospital. Era seu director o distinto clinico sr. dr. Alvaro Lapa, que se encontra afastado das lides hospitalares, por estar de licença. Substituiu-o o seu colega sr. dr. Amaral Fortes, que terminou o contracto que tinha com o hospital, em 31 de Dezembro, último.

Por esse motivo, quer dizer, por carência de médico que a dirija, foi mandada encerrar a referida consulta, privando-se assim os doentes—possuidores duma das mais graves doenças que assolam a humanidade—de tratamento.

Não haverá maneira de remediar este inconveniente, cujos maus efeitos é ocioso enumerar?

Falsos médicos

—Diariamente chegam á nossa redacção cartas apontando-nos individuos que sem estarem habilitados com o respectivo diploma exercem a medicina, intitulado-se médicos, levando-os o desafôro, a alguns deles, a anunciarem nos diários e colocarem taboleta. Este facto representa, por si só, um perigo social. Verdadeira armadilha onde os incautos deixam a vida e o dinheiro, está a pedir rusga policial. Um falso médico conhecemos nós que realizou uma tournée de cura pela provincia e conseguiu várias noticias elogiosas nos jornais—embora com *signal de pago*,—e até teve,—vejam onde pode chegar o descaramento—quem no Algarve lhe oferecesse um banquete!

Aqui está um assunto que recomendamos ao interesse da policia e que será uma das reportagens dum dos nossos proximos números.

O «aerovitógrafo» e o sr. Cortinas

No artigo que ha semanas publicamos sobre o invento português *Aerovitógrafo*, destinado a mostrar as figuras no cinema, em relevo, sem auxilio do *écran*, referimo-nos a um sr. Cortinas, cujo paradeiro se desconhecia, tendo deixado em suspenso a suspeita de que seria êle quem, na America do Norte, teria agora apresentado como novo, o invento.

Pessoas idóneas, informam-nos que o referido sr. Cortinas de apelido e Santiago de nome, se encontra em E'vas ha anos, onde é operador no Cinéma Central e chauffeur da Corporação dos Bombeiros Voluntarios.

212 anos depois

Um amigo que nos acompanhava á premiêre da Terra Nova no Apolo apontou-nos um camarote onde se encontravam um jovem de simpatica apparencia e uma dama quarentona mas sem alarmes de velhice e a quem ele murmurava constantemente uma ternura respeitosa. Depois cochicham-nos ao ouvido o que se segue: Ele chama-se A. de C. H., vive para as Avenidas Novas, formou-se em direito e vive hoje administrando, sabia e honestamente a for-

tuna da esposa, aquela senhora... que podia ser sua mãe—mas a quem ele ama, com todo o carinho dum amante e o respeito dum irmão. E ela, que bem o merece (é um casal felicissimo posso afirmar'lo) chamava-se em solteira B. de A. L. Casaram-se ha dois anos e eu que conhecia ambos—quando eles se desconheciam—só hoje os vejo... em grupo.

«Ora bem. Tu leste alguma vez—leste, pela certa—o «Regicida» e «A Filha do Regicida» de Camilo? Lembras-te de Domingos Leite, o filho do cutileiro de Guimarães a quem D. João IV rouba a esposa, a rica e formosa «Tiaga-Malhas»? Recordas-te do historico plano da vingança do marido ultrajado que planeia assassinar o soberano durante uma procissão e que não o consegue porque o seu amigo mais intimo e investigador da loucura o vende, nas vespuras, ao rei? Não te esqueceste ainda do nome desse traidor—Roque da Cunha—que o pae de Domingos Leite apunhalou, no proprio dia em que o filho era escurtejado? Pois bem... A. de C. H. é descendente em linha recta de Angela, a filha de Domingos Leite e... B. de A. L. neta de Gervasio Cunha, filho ilegitimo de Roque da Cunha. Sabes lá como eu desemanarhei esta meada atravez 270 anos de cruzamentos plebeus! Mas consegui—como tenho conseguido outros mais dificeis.

Visonas o que succedeu, quando souberam quem eram os seus avós, em 1647? Riram-se, abraçaram-se, beijaram-se!

Ouvindo um penitenciario

(Conclusão da pag. 11)

nhia. Feitas as diligências policiaes, provou-se que o assassino fôra um maquinista da companhia, que foi julgado e condenado. Quando este já tinha parte de pena cumprida, appareceu uma nova personagem, que se provou depois ter sido o assassino, pelo que houve de restituir á liberdade o primeiro condenado.

E quantos outros casos poderíamos citar em reforço do que afirmamos, quando dizemos ser necessário ter muita cautela e quando protestamos contra a pena de morte, que torna a reparação dum erro impossivel?

O caso Dreyfus, em França, Ferrer, na Espanha, ainda há pouco entre nós o do crime da Vala de Santarém, e agora mais recentemente, o discutido crime da Poça das Feiticeiras?

Perante tantos e tão eloquentes exemplos, quem nos garante que António Mestre não está innocente?

Urge, por isso, que se ordenem novas diligências, de forma a prestar-se justiça a quem a tiver, evitando-se, pelo menos na apparencia—no caso de não se confirmar o que António Mestre nos disse—não só mais um erro judiciário, mas também a que fiquem impunes os auctores das aggressões de que aquê se afirma vítima, certo como é que nem mesmo os autênticos criminosos se admite semelhante tratamento.

ÁLVARO ANSELMO

Fixador
NALLY



*Doma os cabelos d'uma ma-
neira absoluta*